

CORPO E LAMA: As mulheres caranguejeiras (1968) e seu potencial ancestral¹

Amanda S. Simões²
Maria Paula Maciel³

RESUMO

A fotografia como folkcomunicação pode ser vista como um registro da diversidade cultural (Schmidt, 2011). Analisando "Mulheres Caranguejeiras" (Bisilliat, 1968) através de Barthes, vemos saberes ancestrais que desafiam o epistemicídio colonial. As imagens das mulheres nos manguezais paraibanos revelam uma epistemologia ambiental não-eurocêntrica (Krenak & Campos, 2021), opondo-se à lógica extrativista (Gudynas, 2015). Este trabalho analisa como o ensaio fotográfico funciona como dispositivo folkcomunicativo de resistência, mostrando a relação simbiótica entre humanos e natureza que aponta para futuros não-hegemônicos com foco no saber ancestral de pequenas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Mangue; Fotografia; Epistemologias ambientais.

RESUMO EXPANDIDO

A fotografia possui um grande potencial de comunicação folk uma vez que é observada como registro da diversidade cultural em um momento histórico ou como um instrumento para olhar a história das diferentes expressões (Schmidt, 2011). Quando os estudos da folkcomunicação são interseccionados com a interpretação antropológica da imagem pensada por Roland Barthes (2006), os elementos do *studium* (o ato de observar a foto) e *punctum* (o ato de interpretar, de compreender a imagem), assim como os personagens presentes no instante eterno do registro fotográfico: o operador (quem está fotografando), spectrum (o objeto, quem/ o que é fotografado) e *espectator* (quem vê a foto) fazem parte da estrutura folkcomunicacional. Os três personagens

¹ Trabalho apresentado para o GT 4: Futuras ancestrais, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutoranda em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo, pesquisadora do grupo de pesquisa Realidades Laino-Americanas, ligado à EPPEN-UNIFESP e embaixadora da Rede de Saúde Planetária Brasil-Berlim. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Anhembi Morumbi. Contato: amandassimoes@usp.br.

³ Doutoranda de Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo e pesquisadora associada da Rede Folkcom. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo. Especialista em estudos Afro Latino Americanos pela Alari - Harvard. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pernambuco. Contato: mariapaulamaciel@usp.br.

citados apresentam, simultaneamente, o papel de líder de opinião em diferentes momentos da imagem como meio e forma da mensagem folk (Maciel, 2023).

Por outro lado, é fato: a imagem é extremamente política (Sontag, 2004). A tomada de decisão pelo seu registro, assim como sua devida divulgação, faz parte de um jogo de produção que obedece à Indústria Cultural e a quem detém o poder. Nesse sentido, diversas narrativas se perdem no meio da influência e pensamento anglofônico e eurocêntrico, que domina o campo das Relações Internacionais desde a sua criação no pós-I Guerra Mundial, no País de Gales, usado muitas vezes inclusive para justificar a manutenção do *status-quo*.

No ensaio *Mulheres Caranguejeiras* (1968) da britânica naturalizada brasileira Maureen Bisilliat, encontramos a fotógrafa na posição de um *flâneur* transiente em um espaço no qual o conhecimento anda de mãos dadas com a natureza, que era o caso da costa de manguezais no estado da Paraíba. Nele, encontra-se o desenho perfeito do que Luiz Beltrão justifica em sua tese na qual o Brasil pré-cabralino tinha sua comunicação de mãos dadas com a natureza. Em tempos de destruição, esse pensamento deve ser resgatado: a salvação brasileira – deveras: do mundo – está exatamente no presente ancestral (Krenak & Campos, 2021).

Como destacou Eduardo Galeano em *As Veias Abertas da América Latina* (1971), a América Latina especializou-se historicamente em perder, papel que apenas se refinou ao longo do tempo. Essa condição decorre da abundância de recursos minerais e solos férteis na região, inicialmente explorados na América Espanhola e, a partir do século XVIII, também na América Portuguesa.

Apesar dos movimentos de independência do século XIX, que foram inspirados por revoluções burguesas como a Revolução Industrial, Revolução Francesa e independência dos EUA, a situação da América Latina permaneceu praticamente inalterada. As novas nações apenas trocaram a dependência colonial pela submissão ao capital manufatureiro britânico, exportando recursos naturais e importando bens industrializados. Essas independências, comandadas por elites predominantemente brancas formadas por europeus e seus descendentes, tinham como objetivo se integrar diretamente ao sistema mundial, sem a intervenção de uma metrópole (Waddel, 1985),

resultando em Estados coloniais que respondem a uma matriz mercadológica e individualista desde suas criações (Krenak & Campos, 2021).

Gudynas (2015; 2019) defende que esse processo foi responsável por gerar uma mentalidade extrativista na região, vista por muitos como o único caminho para o desenvolvimento, mas que, na prática, apenas reforça a inserção subordinada da América Latina na globalização. Ele destaca que as narrativas que sustentam o extrativismo e a produção de commodities por meio da monocultura são diversas e adaptadas a diferentes discursos políticos, econômicos e culturais.

Neste contexto, o presente trabalho intersecciona áreas de pesquisa e disciplinas já consideradas transdisciplinares, como Relações Internacionais, Comunicação e Estudos Culturais, para criar um diálogo anti-hegemônico ao questionar como comunidades e seus saberes populares desafiam a hegemonia imposta pelo processo colonial e a consequente inserção periférica do país no Sistema Internacional. Desse modo, tem por objeto o arquivo fotográfico – atualmente no Instituto Moreira Salles de São Paulo – da série Mulheres Caranguejeiras, da artista Maureen Bisilliat. A atual hipótese percebida em estudos prévios e na revisão bibliográfica consta que o ensaio fotográfico Mulheres Caranguejeiras (1968) atua como um dispositivo folkcomunicativo de resistência, onde a imagem política das trabalhadoras resgata saberes ancestrais e corporifica um contra-discurso ao epistemicídio eurocêntrico.

Em uma ordem lógica, este trabalho tem por objetivo geral compreender o potencial folkcomunicativo do Ensaio Mulheres Caranguejeiras como um espaço de sabedoria ancestral. Subsequentemente, os objetivos específicos são o de contextualizar o uso político da imagem como narrativa a partir da teoria crítica presente na intersecção das Relações Internacionais e dos Estudos Culturais e explorar as conexões entre sabedoria ancestral e meio ambiente no ensaio, investigando como as caranguejeiras representam uma epistemologia ambiental não-eurocêntrica.

Buscamos, por meio deste trabalho, entender como estas mulheres subvertem a relação humano-natureza a partir de suas vivências mostradas nas imagens capturadas por Bisilliat, através das emoções causadas no *espectator*, uma vez que o processo de reconhecimento das emoções é duplo em relação ao objeto que é o alvo daquela emoção e à incompletude do ser que sente aquela emoção (Nussbaum, 2008).

Compreendemos que os sentimentos e emoções funcionam através de signos de uma determinada estrutura cultural, que podem ser transmitidos por imagens e pela narrativa contada. Trata-se de um processo político, uma vez que estes signos são colocados de maneira proposital a fim de ocasionar um tipo exato de reação naqueles que estão a consumindo e quanto menos perceptível esse processo, mais bem estabelecidas essas estruturas de poder estão através desta narrativa (Butler, 2016; Ahmed, 2014).

Desse modo, a metodologia aplicada volta-se à análise do ensaio (Figura 1) ao encaixar o fluxo de folkcomunicação no contexto dos personagens da história-foto pensados por Barthes (2022). Este trabalho já foi realizado por Maciel (2023), ao analisar o potencial folkcomunicativo da imagem carnavalesca do século XX. A partir de uma revisão bibliográfica narrativa, a análise das imagens é acrescida através da contextualização multi e transdisciplinar das Relações Internacionais com os Estudos Culturais a partir de sua corrente de pensamento crítico. Análises prévias revelam a naturalidade com que a comunidade da Aldeia do Livramento convive com o meio ambiente, no caso, o mangue, pulmão da costa brasileira e deveras desmatado.

As autoras compreendem que mangue é um ecossistema e as fotografias revelam um respeito e intimidade das mulheres caranguejeiras com a lama. Fazem parte, e não desmatam, não são as donas. Conversam com ele e, a partir dele, revelam ensinamentos. É um conhecimento marginal que revela o verdadeiro significado de ancestralidade, um caminho oposto ao pensamento eurocentrado.

Por isso, por meio deste trabalho, pretendemos contribuir para a disputa de subjetividades da relação entre ser humano-natureza, uma vez que o cânone ocidental, ao qual o Brasil foi inserido por meio do processo colonial, e a narrativa sustentada por ele através de mecanismos como cultura, produção acadêmica e arte, têm como objetivo nos fazer pensar que não há uma alternativa ao modelo de produção da monocultura, que não se restringe à economia e ao uso da terra. E o fazemos ao reconhecer essas estruturas e evidenciar por meio de imagens que existem alternativas a este modelo.

Figura 1 - Jovens e velhas pescam na lama



Fonte: Mauren Bisilliat (1968)

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **Introduction: feel your way.** In Cultural Politics of Emotion. Edinburgh University Press. 2014.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**; tradução Júlio Castañon Guimarães - 8ª ed- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e de fatos e expressões de ideias.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 247p - (Série Comunicação, 12)

BUTLER, Judith. **Capacidade de sobrevivência, vulnerabilidade, comoção.** In Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto? Editora Civilização Brasileira. 2016.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM Editores, 1971. 400 p. Tradução de Sérgio Faraco.

GUDYNAS, Eduardo. Extractivismos en América del Sur y sus efectos derrame. **Bulletin La Revista**, Geneva, n. 76, p. 13-23, 2015. Available at: <https://gudynas.com/wp-content/uploads/GudynasExtractivismosEfectosDerrameSSA2016.pdf>. Acessado em: 13 nov. 2024.

GUDYNAS, Eduardo. Las narrativas que construyen un sentido común extractivista. In: CASTRO, Edna (org.). **Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre políticas e**

fronteiras. São Paulo: Annablume, 2019. p. 109-129. Disponível em: <https://gudynas.com/wp-content/uploads/GudynasNarrativasSentidoComunExtractivista2019.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 112 p.

MACIEL, Maria Paula. **Aurora de amor: a transmissão de memórias nos carnavais de outrora**. In: SILVA, Anderson Lincoln Vital da (org.). **Ciências Humanas e sociais: perspectivas interdisciplinares**. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023. p. 139 - 150. Disponível em: 10.36229/978-65-5866-342-3.CAP.13. Acesso em 10. jul. 2025.

NUSSBAUM, Martha. **Upheavals of thought: the intelligence of emotions**. Cambridge University Press, 2008. 758 p.

SCHMIDT, Cristina. Memórias culturais: O uso da fotografia na pesquisa empírica de folkcomunicação. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6_0869-1.pdf. Acesso em 08.06.2025

SONTAG, Susan. Sobre fotografia; tradução Rubens Figueiredo - São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WADDELL, D.A.G. International politics and Latin American Independence. In: BETHELL, Leslie (ed.). **The Cambridge History of Latin America: from independence to 1870 (Volume III)**. New York: Cambridge University Press, 1985.